

**PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA  
DO PRETÉRITO-MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO EM PORTUGUÊS  
CONTEMPORÂNEO**

Ana Cristina M. Lopes (\*)

**Introdução**

Tanto quanto me é dado conhecer, não há nenhum estudo sistemático sobre a semântica do tempo verbal que tradicionalmente se designa por Pretérito-Mais-que-Perfeito do Indicativo (doravante, MQP).<sup>1</sup> Neste trabalho, proponho-me analisar o funcionamento textual do MQP, o que pressupõe uma caracterização prévia do seu valor semântico e a explicitação das restrições pragmáticas que subtendem o seu uso discursivo adequado/coerente.

Numa primeira secção, darei conta do tratamento tradicional do MQP nas gramáticas. Seguidamente, apresentarei o quadro teórico que preside ao meu trabalho. Este incidirá na análise (i) das combinações do MQP com predicados pertencentes a diferentes classes de aktionsart e (ii) das compatibilidades de ocorrência deste tempo verbal com diversos tipos de adjuntos adverbiais temporais, tendo em vista captar as peculiaridades de interpretação dessas combinatórias. Por fim, proponho-me clarificar os contextos de uso que tornam adequada a selecção do MQP. Farei ainda um breve excursão sobre os 'efeitos de sentido' criados pela co-ocorrência do MQP com adverbiais temporais deícticos.

**1 Caracterização tradicional**

Tradicionalmente, o MQP é descrito como um tempo verbal que permite localizar no eixo do tempo uma acção terminada que ocorreu antes de uma outra acção já passada.<sup>2</sup> Para além deste valor prototípico, Celso Cunha e Lindley Cintra (1984) assinalam ainda outros usos, nomeadamente em expressões fixas exclamativas da linguagem corrente (do tipo 'Quem me dera!', 'Pudera!') e como substituto do Condicional simples em contexto literário (por exemplo, no verso de Sá Carneiro "Um pouco mais de azul – e fora além"). Estes últimos usos não serão contemplados neste artigo.

Como é sabido, o português distingue-se das outras línguas românicas por possuir, no seu sistema verbal, duas formas de MQP, uma simples e outra composta. No português

(\*) Universidade de Coimbra

européu contemporâneo, MQP simples e composto só não comutam livremente na medida em que a selecção da forma simples implica a adopção de um registo marcadamente formal; em registos informais (orais e escritos), o MQP composto é sempre seleccionado. Parece, pois, que as diferenças relevam apenas do plano da variação diafásica ou estilística, e não dos valores temporo-aspectuais expressos por cada uma das formas. Assim sendo, torna-se legítimo afirmar que no português contemporâneo os dois tempos verbais se equivalem semanticamente, partilhando o mesmo valor sistémico. Em fases anteriores da língua poderá ter havido uma diferença semântica pertinente entre as duas formas – aliás, só se justificam dois tempos verbais, no sistema temporal de uma língua, se eles forem funcionalmente distintos –, e seria interessante comprová-lo empiricamente através do estudo de textos antigos.<sup>3</sup> A partir do momento em que se tornam isofuncionais, uma das formas tenderá a ser progressivamente abandonada na interacção verbal quotidiana, por uma questão de economia linguística. É justamente o que acontece hoje em dia com o MQP simples.<sup>4</sup>

Importa, então, clarificar qual o valor de localização temporal expresso pelo MQP e quais as instruções que este tempo verbal carrega quanto à estrutura interna do intervalo de tempo ocupado pela situação descrita. Para levar a bom termo esta tarefa, há que optar por um quadro teórico consistente. No panorama actual da semântica linguística, a proposta de Kamp e Ryle (1993) impõe-se pelo seu potencial de adequação descritiva e explicativa.

## 2 Ponto de partida: Kamp/Reyle (1993)

Tendo em vista um tratamento integrado da expressão do tempo e do aspecto nas línguas naturais, Kamp e Ryle (1993) construíram duas subteorias articuladas, que recobrem de forma consistente quer a localização das situações no eixo do tempo, quer a estrutura temporal interna dessas situações. São elas:

- i) uma subteoria bidimensional do tempo, que envolve dois parâmetros temporais: o primeiro indica a relação entre o “temporal perspective point” (TPpt) e o tempo da enunciação (assinale-se que o TPpt equivale basicamente ao “tempo de referência” de Reichenbach, e designa o ponto de referência a partir do qual se perspectiva a localização temporal da eventualidade descrita) e o segundo indica a relação entre a localização da eventualidade (“location time”) e o TPpt. O primeiro traço temporal comporta dois valores [+Passado] e [-Passado], o que significa que o ponto de referência pode ser o passado ou o presente. O segundo parâmetro envolve três valores, passado, futuro e presente. Dada a ambiguidade desta opção terminológica, sobretudo porque não se diferencia da que é utilizada para referenciar o TPpt, optaremos pelas designações, hoje correntes no âmbito da semântica temporal, de anterioridade, posterioridade e sobreposição.
- ii) uma subteoria de “propriedades aspectuais”, que inclui distinções básicas de aktionsart (nomeadamente a distinção central entre estados e eventos) e ainda conversões sobre os valores básicos de aktionsart. Estas conversões (“aspectual shifts”) são carreadas, segundo os autores, pelas construções progressivas e perfectivas e representam-se pelos traços PROG e PERF. Para se entender de forma mais cabal o que significam estes últimos traços, convém aduzir que Kamp



Para o feixe reproduzido em (iii), que expressa uma sobreposição temporal entre o estado resultante e o TPpt, o exemplo aduzido é o seguinte:

- (4) Mary was content. The last two days had been strenuous. But now she had sent off her proposal.<sup>8</sup>

Recorrendo, para já, à mera intuição interpretativa, parece-me fácil encontrar exemplos, em português, para os feixes (i) e (iii). Assim, em (5) encontramos um exemplo de *flashback* narrativo caracterizado por uma utilização correlativa de tempos verbais idêntica à que se verifica em (2):

- (5) O João chegou ao escritório às 11 h. Tinha-se levantado às 7, tinha tomado o pequeno-almoço no café da esquina, tinha resolvido todos os assuntos que estavam pendentes no banco.<sup>9</sup>

Neste *flashback*, os diversos eventos descritos pelas formas de MQP são interpretados como anteriores ao TPpt, o tempo da chegada do João ao escritório.

O feixe (iii) também parece facilmente ilustrável em português. Veja-se o texto seguinte, que configura um fragmento do chamado 'discurso indirecto livre' típico dos monólogos interiores:

- (6) Agora era tarde, pensou. Não tinha conseguido desfazer o equívoco.<sup>10</sup>

Neste texto, a situação descrita pela frase em que ocorre o MQP localiza-se num intervalo de tempo que se sobrepõe a um TPpt passado (o 'agora' correspondente ao momento em que a personagem 'pensou').

Já no que toca ao segundo feixe, não me parece fácil encontrar exemplos em português. Aliás, a distinção entre (ii) e (iii) não é, para mim, particularmente clara. Julgo que, em português, a ambiguidade, no plano da interpretação do MQP, se joga essencialmente entre uma leitura 'resultativa', onde é relevante a representação do estado subsequente à culminação de um evento e uma leitura não 'resultativa', centrada na culminação do evento (cf. exemplos 6 e 5, respectivamente). E talvez esta ambiguidade se deva à cristalização, numa forma de uso preferencial (o MQP composto), de dois valores semânticos primitivamente distintos, anteriormente expressos por significantes distintos. De qualquer forma, o que está em causa é saber se a ambiguidade referida deve ser equacionada no plano semântico ou no plano pragmático.

Em Peres (1993), argumenta-se a favor de um tratamento uniforme do MQP composto, tendo em conta, por um lado, o valor temporal de anterioridade associado ao participio passado e, por outro, o valor de sobreposição temporal relativamente ao TPpt carregado pelo Imperfeito do auxiliar 'ter' (cf. pp. 35-47). Nesta perspectiva, na representação semântica de uma frase em que ocorre o MQP, é sempre referenciado um evento que, sendo anterior a um TPpt passado, envolve um estado subsequente que se sobrepõe a esse TPpt. Deste modo, a representação semântica do valor temporal da frase englobaria sempre os traços [+Passado, +Sobreposição, +Estativo, +Perfectivo]. Nos casos em que o predicado é basicamente estativo, o MQP opera uma conversão aspectual afectando ao estado uma fronteira final que é representada, segundo o formalismo proposto por Kamp e Ryle, através de um evento correspondente à terminação desse estado (cf. Peres, 1993: 35-46). As duas interpretações assinaladas não resultariam de uma ambiguidade semântica intrínseca deste tempo verbal, antes corresponderiam a uma variação interpretativa ditada pela relevância (p. 32).

Na secção seguinte, proponho-me reflectir sobre esta proposta, analisando a co-ocorrência do MQP com predicados de diferentes classes de aktionsart. Para tal, utilizarei a clássica tipologia de Vendler (1967).

### 3 Semântica do MQP

Sendo o MQP um tempo essencialmente anafórico, ou, em terminologia mais tradicional, um tempo relativo, cujo valor de localização depende da consideração prévia de um ponto de referência temporal textualmente expreso/construído (ou co(n)textualmente inferido), parece-me que devemos manipular dados que correspondam a usos efectivos do tempo em apreço. O recurso a frases simples será pontual, e deve-se apenas a razões de clareza expositiva.

#### 3.1 MQP e predicados estativos

Atente-se no exemplo (7):

(7) A Ana tinha vivido em Londres.

Em (7), o MQP combina-se com um predicado basicamente estativo, 'viver', e dá origem à representação linguística de um estado passado, cujas fronteiras inicial e final são anteriores ao TPpt, que por sua vez é anterior ao intervalo de tempo da enunciação. Assim, o MQP não parece alterar o valor de aktionsart do predicado estativo, apenas parece afectar à descrição do estado uma fronteira final (correlativamente, podemos acrescentar também uma fronteira inicial). Veja-se a plena compatibilidade da combinação do enunciado (7) com expressões adverbiais de delimitação de fronteiras temporais:

(7a) A Ana tinha vivido em Londres desde 1968/até 1974.

Veja-se ainda a impossibilidade de (7b), que reforça a ideia de que a fronteira final de um estado descrito através do MQP não pode ser posterior ao TPpt:

(7b) \*A Ana tinha vivido em Londres até hoje.

A implicatura convencional (no sentido griceano do termo<sup>11</sup>) que de imediato associamos ao MQP envolve a explicitação da relação de anterioridade relativamente ao TPpt. Senão, vejamos a frase em apreço, devidamente contextualizada:

(7c) A Ana contou-me que tinha vivido em Londres.

A implicatura desencadeada pelo MQP pode ser formulada nos seguintes termos: 'a Ana já não vivia em Londres (quando falou comigo)'; o TPpt corresponde ao intervalo de tempo construído pelo Pretérito Perfeito 'contou-me'. É inaceitável uma implicatura do tipo 'e ainda vivia', dado que o estado é representado como concluído.

Sendo estativo o valor de aktionsart do enunciado (7), verifica-se uma total compatibilidade com adverbiais durativos de 'medida temporal', do tipo 'durante Q n de tempo' e uma incompatibilidade absoluta com adverbiais de realização do tipo 'em Q n de tempo'<sup>12</sup>, como se pode comprovar pelos exemplos seguintes:

(7d) A Ana tinha vivido em Londres durante dois anos.

(7e) \*A Ana tinha vivido em Londres em dois anos.

Importa salientar que os estados descritos através do MQP são estados temporários, e, como tal, compatíveis com adjuntos adverbiais de quantificação, ou seja, expressões que traduzem a frequência de uma situação num intervalo de tempo, como se comprova pelo exemplo (7f):

(7f) A Ana tinha vivido várias vezes em Londres.<sup>13</sup>

Não me parece evidente que o MQP, em frases estativas, dê origem a uma ambiguidade interpretativa. A não ser que se considere que é possível uma leitura que privilegie, como relevante, a representação do estado subsequente à terminação do estado expresso pelo predicado. De acordo com a minha intuição, o estado relevante é ainda o estado, passado e terminado, que o predicado expressa.

Na proposta de Peres, o estado relevante é o estado subsequente. Uma frase com um predicado estativo no MQP descreve o estado resultante do evento que corresponde à terminação do estado expresso pelo predicado; esse estado resultante sobrepõe-se ao TPpt (no caso vertente (cf. ex. (7)), o estado resultante equivale à negação do predicado – não viver em Londres). A formulação, não sendo intuitiva, responde, no entanto, de forma elegante, a uma exigência de tratamento uniforme do MQP composto, independentemente do carácter estativo ou não-estativo do predicado.

### 3.2 MQP e predicados de actividades

Analise-se agora o exemplo (8):

(8) A Ana tinha nadado.<sup>14</sup>

Em (8), o MQP coocorre com um predicado de actividade, dando origem a duas interpretações possíveis, contextualmente resolúveis:

(8a) A Ana (já) tinha feito exercícios de natação (quando eu cheguei).

(8b) A Ana tinha sido nadadora (quando adolescente).

No primeiro caso, a combinação do MQP com um predicado de actividade parece não alterar o valor de aktionsart desse predicado, mas localiza-o num intervalo fechado, anterior a um TPpt passado. Daí a aceitabilidade de (8c):

(8c) (Soube que) A Ana tinha nadado das 9 h às 11 h.

Tal como as descrições de estado, também as descrições de actividades são compatíveis com advérbios temporais durativos e não coocorrem com advérbios de realização:

(8d) A Ana tinha nadado durante três horas.

(8e) \*A Ana tinha nadado em 3 horas.

Quanto à compatibilidade dos predicados de actividades, no MQP, com adjuntos adverbiais de quantificação, atente-se no exemplo (8f):

(8f) A Ana tinha nadado muitas vezes (na sua adolescência).

Dado que o MQP afecta à actividade descrita uma fronteira inicial e uma fronteira final, transformando a situação numa entidade quantificável, porque temporalmente

delimitada, não é de estranhar a compatibilidade com expressões que traduzem frequência de ocorrências.

No que toca à segunda interpretação, parafraseável por ‘A Ana teve a propriedade de ser nadadora num período (relativamente extenso) de tempo passado, anterior ao TPpt’, verifica-se uma conversão no plano da aktionsart: o valor de actividade do predicado não é herdado pelo enunciado, que, nesta leitura, passa a representar um estado; há, portanto, uma recategorização da actividade em estado. Penso, no entanto, que esta interpretação sofre restrições contextuais mais acentuadas do que a anterior, pelo que não a considero paradigmática.

### 3.3 MQP e predicados de “accomplishment”

Vejam agora o exemplo (9):

(9) A Ana tinha escrito um romance.

Neste enunciado, o MQP combina-se com um predicado pertencente à classe dos accomplishments, dando origem à descrição do estado subsequente à culminação do evento descrito pelo predicado, estado esse que se sobrepõe ao TPpt. Neste caso, a interpretação do valor temporal da frase envolve os traços [+Passado, +Sobreposição, +Estativo, +Perfectivo], que se tornam mais evidentes se proporcionarmos um contexto adicional ao exemplo (9):

(9a) Quando cheguei de férias, a Ana tinha escrito um romance.

Neste exemplo, o evento descrito pela subordinada temporal está incluído no estado descrito pela oração principal. O MQP, neste contexto, opera uma conversão aspectual, dando origem a uma interpretação resultativa, ou seja, a situação relevante corresponde ao estado subsequente à culminação do evento ‘escrever um romance’. No entanto, como veremos no parágrafo 4 deste trabalho, há contextos discursivos que induzem uma interpretação não resultativa, nomeadamente os *flashbacks* extensos.

Embora a combinação do MQP com predicados de accomplishment conduza à representação linguística de uma situação estativa (o estado subsequente à culminação do evento), é perfeitamente aceitável a combinação do enunciado (9) com um adjunto adverbial de realização, como se pode ver em (9b):

(9b) A Ana tinha escrito um romance em dois meses.

Neste contexto, as restrições de selecção do adjunto adverbial (recorde-se que estes adjuntos só são compatíveis com descrições de situações que comportam um ponto de culminação intrínseco) não invalidam a conversão aspectual operada pelo MQP: o enunciado descreve um evento não pontual já culminado, cujo ponto de culminação é anterior a um TPpt passado. Numa paráfrase aproximada, o enunciado significa que a Ana tinha levado dois meses a escrever o romance ou, numa outra formulação, ao fim de dois meses, o romance tinha ficado escrito; assim, embora a duração do intervalo que medeia entre o início do processo preparatório e a culminação do evento seja explicitada, o que o enunciado evidencia é ainda o carácter culminado do evento.

No que toca à combinação de predicados de accomplishment, no MQP, com expressões adverbiais durativas de ‘medida temporal’, do tipo ‘durante Q n de tempo’, verifica-se uma clara incompatibilidade, como atesta o exemplo seguinte:

(9c) \*A Ana tinha escrito um romance durante três meses.

Esta incompatibilidade é previsível: se o recurso ao MQP focaliza o estado subsequente à culminação do evento, não é possível a coocorrência com uma expressão adverbial que, por explicitar a duração do intervalo de tempo correspondente à fase preparatória, só é compatível com a representação linguística dessa fase. Idêntica argumentação pode ser desenvolvida para explicar a acentuada incompatibilidade de coocorrência de predicados de accomplishment, no MQP, com expressões adverbiais de delimitação de fronteiras:

(9d) ??A Ana tinha escrito um romance de Agosto até Dezembro.<sup>15</sup>

Quanto à possibilidade de induzir uma leitura iterativa de frases com predicados de accomplishment no MQP, basta alterar o valor semântico do argumento interno:

(9e) A Ana tinha escrito (três) romances (na sua adolescência).

Quando o argumento inclui um quantificador cardinal distinto de ‘um’, a frase desencadeia uma inferência que envolve contagem de eventos; por conseguinte, a interpretação é iterativa.

### 3.4 MQP e predicados de “achievement”

Veja-se, por fim, o exemplo (10):

(10) A Ana tinha morrido.

Combinado com predicados de achievements, o MQP pode focalizar o estado resultante do evento pontual representado, mas pode também, a meu ver, focalizar a própria culminação desse evento. Para ilustrar as duas possibilidades, vejam-se os seguintes exemplos:

(10a) Quando cheguei, a Ana (já) tinha morrido.

(10b) A Ana tinha morrido às 8 h.

Os traços temporais [+Passado, +Sobreposição, +Estativo, +Perfectivo] caracterizam a interpretação de (10a), que me parece ser a interpretação preferencial ou por defeito. Em (10b), os traços relevantes seriam [+Passado, +Anterioridade, -Estativo, -Perfectivo].

Os predicados de achievement, no MQP, quando combinados com expressões adverbiais durativas ou demarcadoras de fronteiras temporais dão origem a leituras iterativas, como o exemplo (10d) comprova:

(10d) A Ana tinha tossido durante duas horas/das 3 h da tarde até à noite.

Quando o predicado de achievement denota um evento irrepetível, é óbvia a sua incompatibilidade com adjuntos adverbiais quantificadores:

(10e) \*A Ana tinha morrido três vezes.



Quando o evento envolvido na denotação do predicado admite recorrência, a combinação com advérbios de quantificação parece induzir preferencialmente uma interpretação não resultativa, idêntica à que assinalámos em (10b). Atente-se no exemplo seguinte:

(10f) A Ana tinha espirrado/ mudado de opinião várias vezes.

### 3.5

Analisando agora de forma global os diferentes tipos de predicados, verificamos que, seja qual for a classe de aktionsart do predicado com que se combina o MQP, o enunciado é sempre compatível com o advérbio 'já', marcador de fronteira final e operador de estativização quando combinado com predicados que envolvem culminação.

Pela análise dos dados, verifica-se um denominador comum em todas as frases que comportam uma forma de MQP: o TPpt é sempre Passado. Quanto à relação temporal entre o TPpt e a situação descrita, verificámos duas hipóteses: anterioridade e sobreposição. Provavelmente, em fases anteriores da língua, o MQP simples traduziria a relação de anterioridade, cabendo ao MQP composto a expressão da relação de sobreposição. No português contemporâneo, a leitura em termos de relação de sobreposição é mais intuitiva nos casos em que os predicados denotam uma situação que envolve um ponto de culminação (accomplishments e achievements), uma vez que é mais plausível, nestes casos, a focalização de um estado subsequente. No caso dos predicados estativos e de actividades, julgo que não é intuitiva a leitura em termos de sobreposição, leitura essa que implica a consideração de um evento correspondente à terminação do estado ou processo expresso pelo predicado, embora admita que, por uma questão de coerência descritiva e explicativa, ela possa ser considerada. Porém, parece-me que a ambiguidade interpretativa só se manifesta de forma evidente com predicados aos quais se associa um ponto de culminação. Tal ambiguidade do MQP poderá resultar do facto de se terem cristalizado numa só forma corrente (o MQP composto) dois valores semânticos primitivamente distintos.

## 4 Pragmática do MQP

Até aqui, analisámos frases simples, sendo nosso objectivo testar empiricamente as eventuais diferenças interpretativas resultantes da combinação do MQP com predicados pertencentes a diversas classes de aktionsart. Em todos os exemplos, pudemos constatar que, em termos de estrita localização temporal, o MQP é por excelência um tempo anafórico, ou relativo, já que a relação de ordem que estabelece pressupõe a tomada em consideração de um ponto de referência que é passado relativamente ao intervalo de tempo da enunciação.

Importa agora lidar com textos efectivos, de modo a apreender as funções discursivas deste tempo verbal. Nem sempre é aceitável o uso do MQP num texto, ou, por outras palavras, o uso discursivo coerente do MQP exige que se contemplem determinadas restrições contextuais. Confrontem-se as seguintes sequências discursivas:

(11a) O João insultou a Patrícia (e1). Ela abandonou a sala (e2).

(11b) A Patrícia abandonou a sala. O João tinha-a insultado.

Embora do ponto de vista temático-informacional os dois textos não sejam equivalentes, semanticamente expressam ambos de forma coerente a mesma sequência de situações. Para além da sequência temporal entre e1 e e2, é possível apreender um outro nexo de articulação entre os dois eventos, um nexo de causa-efeito: a Patrícia abandonou a sala porque o João a insultou. Assim, em (11a) e (11b), a frase que comporta o MQP funciona como uma *explicação*. Vejam-se agora as sequências seguintes:

- (12a) A Ana entrou na cozinha. Preparou um chá.  
 (12b) ?A Ana preparou um chá. Tinha entrado na cozinha.<sup>16</sup>

Neste caso, ao contrário do que acontecia no exemplo anterior, o segundo texto não é intuitivamente aceitável porque suscita um juízo de incoerência. Apesar de (12b) não alterar a sequencialidade temporal dos eventos descritos em (12a), o facto de não ser possível estabelecer um nexo de causa/consequência entre eles bloqueia a aceitabilidade do texto. No entanto, o texto (12b) pode tornar-se coerente, se for expandido da seguinte forma:

- (12c) A Ana preparou um chá. Tinha entrado na cozinha muito deprimida, mas agora sentia-se um pouco melhor.

Em (12c), o desenvolvimento discursivo introduz uma relação de *contraste* entre duas situações, e este novo contexto garante automaticamente o uso adequado do MQP.

Vejamos um outro contexto onde tipicamente ocorre o MQP, já referido em (5) e aqui repetido em (13):

- (13) O João chegou ao escritório às 11 h (e1). Tinha-se levantado às 7 h (e2), tomara o pequeno-almoço no café da esquina (e3), tinha resolvido todos os assuntos que estavam pendentes no banco (e4).

Ilustração clara de um contexto de *flashback* narrativo – movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da acção –, este texto exemplifica também um caso de relevância contextual do MQP. Com efeito, os eventos descritos através do MQP fazem parte da fase preparatória que antecedeu a ocorrência do evento representado pelo Pretérito Perfeito simples. Concomitantemente, o *flashback* configura uma linha narrativa secundária, onde os eventos se sucedem linearmente no tempo; verifica-se, assim, que, numa sequência de frases, o MQP pode ter um comportamento discursivo semelhante ao do Pretérito Perfeito simples, na medida em que viabiliza a progressão de uma narrativa. A diferença substancial está no estatuto secundário dessa narrativa, do ponto de vista da estrutura informacional do texto. No exemplo dado, o MQP surge depois de um Pretérito Perfeito, o que se compatibiliza plenamente com o seu valor temporal de anterioridade relativamente a um passado: textualmente, o Pretérito Perfeito delimita o ponto de referência principal a partir do qual se localizam, por uma relação de anterioridade, os eventos cuja culminação é pressuposta pelo MQP; na sequência de frases em que ocorre o MQP, estabelecem-se pontos de referência secundários, já que se verifica uma ordenação linear relativa (e2 < e3 < e4), em larga medida legitimada pelo nosso conhecimento do mundo. Parece-me que, em contextos deste tipo, se neutralizam os traços semânticos do MQP que relevam da focalização do estado subsequente à culminação do evento descrito pelo predicado. Assim, na interpretação processa-se uma ordenação linear relativa de eventos, havendo uma progressão narrativa encaixada, ou hierarquicamente subordinada à linha central da história.<sup>17</sup>

Também é frequente a ocorrência do MQP em contextos do tipo de (14):

- (14) A Patrícia estava satisfeita com a sua vida: tinha escolhido a profissão certa, tinha tido os filhos desejados, tinha feito muitos amigos.

Neste caso, os eventos representados pelo MQP funcionam também como *elaboração/explicação*, num plano de *background*, do estado descrito pelo Imperfeito da primeira frase.

No texto (14), ao contrário do que acontece no texto (13), não se verifica qualquer progressão narrativa nas frases em que ocorre o MQP. Estamos perante uma lista temporalmente não ordenada de eventos cuja ocorrência é anterior ao ponto de referência ou TPpt – o estado (passado) representado pela frase inicial no Imperfeito –, sendo certo, porém, que o(s) estado(s) subsequente(s) à culminação dos referidos eventos se sobrepõe(m) ao estado que constitui o ponto de partida do texto. Em contextos deste tipo, em que uma série de MQP é antecédida por um Imperfeito, torna-se relevante a leitura resultativa do MQP. Note-se que também neste último texto podemos apreender uma relação de *elaboração/explicação* entre a situação descrita inicialmente e a sequência de situações expressas através de formas do MQP. Parece-nos que tanto em (13) como em (14), a ordem prototípica implica a ocorrência discursiva prévia de uma forma verbal do passado (Pretérito Perfeito simples ou Imperfeito), seguida de várias ocorrências do MQP. Esta disposição, típica do *flashback*, parece sugerir que há uma relação hierárquica entre o primeiro segmento discursivo e os subsequentes, idêntica à que verifica entre um tópico e a sua elaboração discursiva.

Vejamos agora o exemplo (15), que ilustra aquele que é, porventura, o contexto paradigmático de ocorrência do MQP:

- (15) O João disse-me que o pai tinha telefonado.

Trata-se, obviamente, de um contexto de discurso indirecto ou relatado, introduzido por um verbo *dicendi* no Pretérito Perfeito simples. Fenómeno tradicionalmente conhecido pela expressão *consecutio temporum*, implica a ideia de que o tempo do verbo que ocorre numa frase encaixada é ‘governado’ pelo tempo do verbo da frase matriz. Nesta perspectiva, é possível formular regras que permitem reproduzir o discurso directo de um locutor transpondo-o para um modo de enunciação não experiencial, alterando sistematicamente os tempos verbais primitivamente utilizados. Parece-me que o mecanismo é idêntico quando na frase matriz ocorrem verbos de atitude proposicional ou predicados criadores de mundos, do tipo ‘sonhar’, ‘acreditar’, ‘compreender’, ‘pensar’, no Pretérito Perfeito.<sup>18</sup> Os MQP que a frase completiva pode conter especificam sempre o conteúdo do predicado da frase matriz, sendo estritamente obrigatória, nestes casos, a relação de precedência.

Finalmente, há que fazer referência a um último contexto de ocorrência frequente do MQP, bastante comentado no âmbito dos estudos narratológicos, e que passo a ilustrar em (16):

- (16) O telefone tocou. Era a D. Maria. O marido tinha tido uma quebra de tensão. O médico tranquilizou-a.

Neste texto, a frase em que ocorre o MQP corresponde a uma alteração de perspectiva ou de focalização: o narrador transmite o que disse a personagem, sem no entanto lhe conceder uma voz autónoma. A voz da personagem é assim introduzida na narração de

forma mediatizada, através do discurso relatado. Julgo que estes casos mantêm inegáveis afinidades com o contexto que acabámos de analisar: com efeito, há um verbo *dicendi* implícito nesta mudança de perspectiva que consubstancia um jogo de focalizações (A senhora disse que...).

Sintetizando, podemos afirmar que o uso textual coerente do MQP implica que se verifiquem determinados nexos semânticos, de natureza não temporal, entre as frases em que ele ocorre e aquelas que o enquadram ou que lhe são contíguas. No quadro das teorias contemporâneas sobre a estrutura textual/discursiva, estas relações que cimentam os diferentes fragmentos constitutivos de um texto são designadas por 'relações retóricas' ou 'discursivas'.<sup>19</sup> Não sendo este o espaço adequado para uma reflexão sobre a natureza destas relações, direi apenas que, em função da evidência empírica recolhida, o MQP só é contextualmente relevante quando ocorre em frases que elaboram/ilustram um determinado tópico, explicam uma situação, estabelecem uma relação de contraste entre situações.

## 5 Considerações finais

Propus-me contribuir, com este trabalho, para o estudo dos valores semânticos e dos contextos de uso do MQP do Indicativo em português contemporâneo. A análise dos dados não invalida a hipótese de caracterização semântica unificadora deste tempo verbal construída por Peres (1993), no quadro teórico de Kamp e Ryle (1993). A ambiguidade entre uma leitura não resultativa e uma leitura resultativa, que envolveria uma flutuação entre os traços [+Anterioridade] e [+Sobreposição] aparece fundamentalmente condicionada pela classe de aktionsart dos predicados. Com predicados de accomplishments e de achievements é muitas vezes relevante a consideração do estado resultante, subsequente à culminação do evento, estado esse que se sobrepõe ao TPpt passado (sublinhe-se, porém, que a culminação propriamente dita desse evento é anterior ao TPpt). Com predicados basicamente estativos e de actividades, a interpretação preferencial confere relevância à fronteira final das situações representadas, que é sempre anterior ao TPpt.

Do ponto de vista pragmático, há um aspecto interessante a evidenciar: o MQP parece operar frequentemente como marcador discursivo de determinadas relações semântico-funcionais entre as situações descritas. Por outro lado, no plano textual, assinala muitas vezes uma mudança de perspectiva ou de focalização.

1 No artigo de Carpinteiro (1961) encontra-se apenas uma análise estilística do MQP em obras de Eça e Régio. Em Peres (1993), a que adiante voltaremos, encontra-se uma proposta de caracterização semântica do MQP composto, no quadro de uma reflexão mais geral sobre o tratamento uniforme dos tempos compostos em português.

2 Veja-se Barbosa (1822), Said Ali (1964), Castilho (1967), Lapa (1979). Para estes autores, não há qualquer diferença entre o valor semântico do MQP simples e do MQP composto. Em Barbosa (1994), o MQP simples é caracterizado pelos monemas 'passado' e 'anterior' e o MQP composto pelos monemas 'passado' e 'perfeito'. O autor, parece, pois admitir uma diferença semântica entre os dois tempos verbais.

3 É possível que tenha havido entre o MQP simples e o MQP composto uma diferença semântica paralela à que hoje encontramos entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto, mas, de

momento, não temos evidência empírica para o comprovar. Um estudo morfo-semântico diacrónico sobre o sistema verbal português seria, pois, de extrema utilidade.

- <sup>4</sup> A ambiguidade resultante da homonímia entre a 3ª pessoa do plural do MQP simples e a 3ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito simples do Indicativo pode ser invocada como uma razão plausível para a progressiva substituição do MQP simples pela forma composta. Estaremos perante um caso de mudança linguística condicionado por razões pragmáticas? A pergunta fica em aberto.
- <sup>5</sup> Idêntica concepção é defendida em Moens (1987).
- <sup>6</sup> Cf. Kamp e Ryle (1993), ex. (5.161), p. 594.
- <sup>7</sup> Cf. Kamp e Ryle (1993), ex. (5.136), p. 573.
- <sup>8</sup> Cf. Kamp e Ryle (1993), ex. (5.170), p. 599.
- <sup>9</sup> Este exemplo será retomado e comentado mais adiante, na secção 4. deste artigo.
- <sup>10</sup> Texto adaptado de Mateus et alii (1983), p. 115.
- <sup>11</sup> Cf. Grice (1975).
- <sup>12</sup> Estes adverbiais só são compatíveis com descrições de eventualidades que comportam um ponto de culminação intrínseco, ou seja, segundo a tipologia de Vendler, accomplishments e achievements.
- <sup>13</sup> Os estados não temporários, denotados por predicados basicamente estativos, não admitem quantificação:  
\*A Ana sabe várias vezes francês.
- <sup>14</sup> Parece-me muito pouco usual esta combinatória, sobretudo sem um contexto mínimo de enquadramento.
- <sup>15</sup> No entanto, parece-me aceitável o enunciado 'A Ana tinha escrito um romance (=um só romance) até 1975', num contexto contrastivo dado por uma sequência textual do tipo 'Depois, começou a publicar anualmente'.
- <sup>16</sup> Exemplo adaptado de Asher e Lascarides (1993).
- <sup>17</sup> Esta interpretação sequencial é sustentada por uma heurística pragmática, formulável, em termos griceanos, pela máxima 'Sê ordenado!'; em última instância, a interpretação é consistente pelo facto de não ser contraditada pelo nosso conhecimento do mundo.
- <sup>18</sup> Assinale-se que os verbos que exprimem vontade, desejo ou expectativa não admitem o MQP na frase encaixada: \* *Ele quis que a Joana tinha vindo*. Também os verbos avaliativos factivos (por ex., 'lamentar', 'reprovar') e os declarativos de ordem (do tipo 'admitir', 'ordenar') nunca coocorrem com uma frase completiva no MQP. A frase encaixada no MQP só é compatível com frases-matriz onde ocorrem verbos declarativos (do tipo 'dizer', 'confessar', 'proclamar') e verbos de actividade mental (por ex., 'pensar', 'compreender', 'acreditar').
- <sup>19</sup> Cf. Mann e Thompson (1988).

### Bibliografia

- BARBOSA, J. S. (1822) *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados a nossa linguagem*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 2ª ed.
- BARBOSA, J. M. (1994) "Sistemas verbais portugueses e dinâmica linguística", in *Actas do X Encontro da APL*, pp. 57-67.
- CARPINTEIRO, M. G. (1961) "Aspectos do mais-que-perfeito do indicativo em português moderno", in *Boletim de Filologia*, 19, 199-208.
- CASTILHO, A. de (1967) "Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa", in *Alfa*, 12, pp. 7-135.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- GRICE, P. (1975) "Logic and conversation", in Cole e Morgan (eds.), *Syntax and Semantics*, 3, New York, Academic Press, pp.41-58.

- KAMP, H. e RYLE, U. (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- SAID ALI, M. (1964) *Gramática histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Ed. Melhoramentos (3ª ed.; 1ª ed.1921).
- LAPA, R. (1973) *Estilística da língua portuguesa*, Lisboa, Seara Nova.
- LASCARIDES, A, e ASHER, N. (1993) "A semantics and pragmatics for the pluperfect", in *Discourse relations, DRT and defeasible reasoning: a formal theory of discourse structure*, Fifth European Summer School in Language, Language and Information, Lisboa, Faculdade de Letras.
- MANN, W. e THOMPSON, S. (1988) "Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization", in *Text*, 8 (3), 243-281.
- MATEUS, M. H. M. et alii (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina.
- PERES, J. A. (1993) "Towards an integrated view of the expression of time in portuguese", *Cadernos de Semântica*, 14, Faculdade de Letras de Lisboa.
- VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in philosophy*, Ithaca, Cornell University Press.